



O Sol transforma-se aqui numa metáfora paulistana. Na cidade em que, não só pela pobreza, mas também pela tortuosa geografia dos prédios, obstáculos já quase naturais, o sol definitivamente não nasceu para todos. Quase ninguém se dá conta de que a Praça do Pôr-do-Sol, no bairro do Alto de Pinheiros, se chama assim pelo simples motivo, trágico, de que são raríssimas as praças em São Paulo em que podemos assistir ao pôr-do-sol. Não somos aqui íntimos do Sol. Nos lugares mais amenos, de praia ou campo, os raios solares estão associados à beleza, vida, alegria; aqui, muitas vezes, lembram a penúria do calor sem brisa, do asfalto quente, da falta de horizonte para compensar o abafamento. Nos fins de semana, os paulistanos promovem uma espécie de êxodo de fugitivos para tentar recompor o equilíbrio da luz com o horizonte. A sensação claustrofóbica com a qual muitas pessoas convivem na cidade é justamente por não verem o horizonte e não perceberem nos raios solares o abraço de calor, mas quase um incômodo. Neste ensaio, temos a claustrofobia, o aperto, as cores ardidadas dos prédios, as pessoas se espremendo em busca dos raios, esgueirando-se por entre a geografia urbana. Procuram uma saída em espaços improváveis, mas, enclacrados, encontram os raios, fazendo-se cúmplices dos reflexos. Nessa cumplicidade de reflexos encontramos, nesta poesia concreta, um respiro, quase um nascer-do-sol.

Gilberto Dimenstein